

TEMPORADA
2020 | 2021

METROPOLITANA

Alunos do Curso
de Direção de Orquestra
da ANSO
Direção Musical

Obras de
Henri Tomasi
Igor Stravinsky

FANFARRAS, SUÍTES E DANÇAS

ORQUESTRA ACADÉMICA
METROPOLITANA

QUINTA 26 NOVEMBRO - 21H30

CENTRO CULTURAL E DE CONGRESSOS DAS CALDAS DA RAINHA

© Luis Vieira

FUNDADORES



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



CENTRO CULTURAL
E CONGRESSOS
DAS CALDAS DA RAINHA



FANFARRAS, SUÍTES E DANÇAS

DÉBORA ANDRADE DIREÇÃO MUSICAL

Henri Tomasi (1901-1971)

Fanfarras Litúrgicas (1947)
(duração aproximada: 18 min.)

- I. *Anunciação*
- II. *Evangelho*
- III. *Apocalipse*
- IV. *Procissão de Sexta-Feira Santa*

ANTÓNIO NOVAIS DIREÇÃO MUSICAL

Igor Stravinsky (1882-1971)

Danças Concertantes (1942)
(duração aproximada: 20 min.)

- I. *Marcha – Introdução*
- II. *Pas d'Action: Con moto*
- III. *Tema e variações*
 - *Lento*
 - *Variação I: Allegretto*
 - *Variação II: Scherzando*
 - *Variação III: Andantino*
 - *Variação IV: Tempo giusto*
- IV. *Pas de Deux*
- V. *Marcha - Conclusão*

PEDRO AFONSO DIREÇÃO MUSICAL

Igor Stravinsky

Suíte N.º 1 para Orquestra de Câmara

(1925)
(duração aproximada: 5 min.)

- I. *Andante*
- II. *Napolitana*
- III. *Espanhola*
- IV. *Balalaica*

Igor Stravinsky

Suíte N.º 2 para Orquestra de Câmara

(1921)
(duração aproximada: 6 min.)

- I. *Marcha*
- II. *Valsa*
- III. *Polca*
- IV. *Galope*

Na conceção de uma imagem para 2020/2021 que correspondesse aos tempos de exceção que estamos a viver, decidimos colocar a música em diálogo com um discurso imagético que se tornou estranhamente familiar e que se deve à qualidade do nosso fotojornalismo. Ao percorrermos

o extraordinário acervo de imagens publicado na página «EverydayCovid» no Instagram, descobrimos um silêncio que diz muito, pelo modo certo como combina dramaticidade e informação.

IMAGEM DE CAPA
LUÍS VIEIRA

 [luis_vieira](#)

Luís Vieira, 47 anos, fotojornalista desde 1997. Entre os seus clientes ao longo destes anos constam diversos jornais e agências (Jornal O Jogo, Jornal Record, Correio da Manhã, Agência Lusa, Associated Press, etc). Para além do desporto e notícias, produz regularmente imagens de eventos, artes de palco, retrato e espetáculos para diversos clientes e participa em alguns projetos de cariz social e solidário. Vive em Braga. Depois da fotografia, a sua outra paixão são os livros.

Durante o confinamento, os idosos são seguramente a faixa da população mais sujeita aos efeitos da solidão e isolamento. Nesta imagem, uma senhora espreita pela janela de sua casa na Rua do Souto, em Braga. 20 de março de 2020.



Henri Tomasi em 1942 | Fonte: Wikimedia Commons

FANFARRAS LITÚRGICAS

Henri Tomasi (1901-1971) cresceu na cidade francesa de Marselha e passou, em criança, os períodos de férias nas praias da Córsega. Isso explica, em parte, a efusão sonora que irradia das suas partituras, como se as aragens do Mediterrâneo ecoassem na sua música. Apesar de ser um reputado pianista, os instrumentos de sopro assumem particular relevo no seu legado enquanto compositor. São disso exemplo as «Fanfarras Litúrgicas» que extraiu da ópera *Don Juan de Mañara*.

A ópera *Don Juan de Mañara* de Henri Tomasi foi composta em 1944, mas só veio a estrear em 1952, em Paris. O enredo baseia-se no mito de Don Juan, e em particular numa peça teatral intitulada *Miguel Mañara* que o russo Oscar Venceslas de Lubicz-Milosz assinou em 1913. Coloca em cena a vida de um homem rico e arrogante que se arrepende no final da vida e se converte espiritualmente, tornando-se monge. As quatro *Fanfarras Litúrgicas* são adaptações de excertos da ópera em que o som dos metais da orquestra sobressai. A primeira, *Anunciação*, tem origem no terceiro ato, mais precisamente no momento em que Miguel renuncia à devassidão. Num género híbrido, entre a suíte e a sinfonia, prosseguimos então com *Evangelho*, um andamento lento que

evoca a leitura dos textos sagrados por intermédio do som do trombone. Já *Apocalipse* apresenta-se como um *Scherzo* e corresponde ao momento em que Miguel resiste às tentações mundanas. Tudo aqui decorre numa narrativa fragmentada em que os diferentes naipes instrumentais se confrontam com ímpeto. Por fim, retrata-se uma procissão católica na cidade de Sevilha, a *Procissão de Sexta-Feira Santa*. Ao passar da marcha sombria dos penitentes, escutam-se as palavras de um espírito celeste que guia a dor e a comoção de Miguel. Numa versão diferente destas mesmas Fanfarras é possível ouvirmos aqui uma voz de soprano. Por fim, irrompe um hino proveniente da Córsega e que, neste contexto, celebra a redenção do homem.

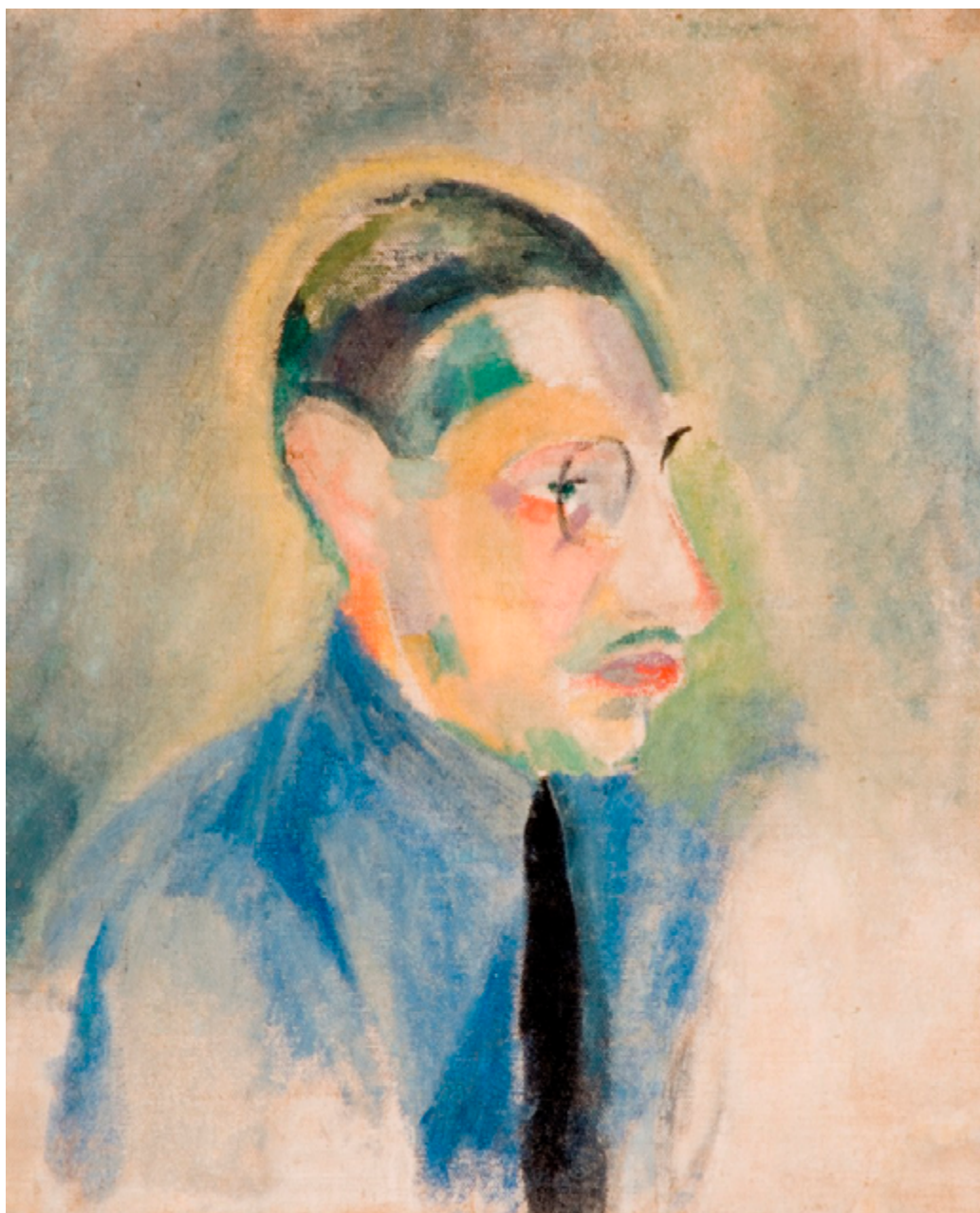
DANÇAS CONCERTANTES

As *Danças Concertantes* foram escritas no início dos anos 1940, em Hollywood. São distantes, portanto, da música que Igor Stravinsky compôs em início de carreira para os Ballets Russes, tais como *O Pássaro de Fogo* ou *A Sagração da Primavera*. Reunidas no formato de uma suíte instrumental barroca, não terão sido escritas com o intuito específico de serem dançadas. Ainda assim, o coreógrafo George Balanchine levou-as à cena no período da Segunda Grande Guerra, em Nova Iorque, com antigos elementos da companhia de Diaghilev.

Danças Concertantes foi a primeira obra que o compositor russo completou após se ter radicado nos E.U.A. No manuscrito lê-se a inscrição «Concerto para Pequena Orquestra». Mas esta designação acabou por não vingar, por serem tão evidentes as influências do universo da dança. Houve quem lhe chamasse «música abstrata para um bailado sem enredo», mas Balanchine não sentiu dificuldades em contornar essas condições. Afinal, já era a sétima coreografia que criava com música do seu compatriota, destacando-se entre elas *Appolo*, de 1927, e *Jeu de cartes*, de 1937. Em 1972, no ano seguinte à morte de Stravinsky, Balanchine prestou-lhe homenagem com uma nova versão do mesmo bailado.

Em matéria de música, consiste numa obra orquestral dividida em cinco partes, todas elas baseadas em formas emprestadas da dança. A marcha introdutória anuncia o ambiente lúdico e afirmativo que se mantém até final, sempre pontuado por curtos solos instrumentais. No segundo andamento, *Pas d'Action*, ouvimos uma escrita sucessivamente entrecortada que convida a imaginar situações encenadas. As variações que se seguem transformam uma melodia melancólica em cinco registos contrastantes. O *Pas de Deux* abre caminho ao protagonismo dos sopros e conduz, desse modo, à marcha que já se ouviu de início.

Retrato de Igor Stravinsky | Pintura de Robert Delaunay (1918) | Fonte: Wikimedia Commons



Igor Stravinsky em 1921 | Fonte: Wikimedia Commons



SUÍTES PARA PEQUENA ORQUESTRA

No final da Primeira Grande Guerra Igor Stravinsky regressou a Paris, depois de passar cinco anos na Suíça na companhia da sua família. Trazia consigo oito pequenas peças para piano que não tardaram em transformar-se em duas suítes para pequena orquestra. São preciosos testemunhos de bom humor com origem em tempos conturbados. O músico preferia dialogar com a música antiga e com as suas boas memórias, na vez das primeiras páginas dos jornais que lhe chegavam.

Stravinsky nasceu na Rússia, perto de São Petersburgo, mas viveu toda a vida em países do ocidente. Foi um compositor cosmopolita que gozou de reconhecimento generalizado ao longo

de quase toda a carreira. Depois de um início fulgurante em Paris, junto dos Ballets Russes, exilou-se na Suíça, durante a Primeira Grande Guerra. Foi aí que compôs dois conjuntos de peças para piano a quatro mãos com fins pedagógicos, primeiramente destinadas a músicos amadores e jovens estudantes. Em princípio, não teriam passado de oito composições de circunstância, destinadas a um circuito restrito de interessados. Mas já então seria possível nelas identificar prenúncios do período neoclássico do compositor, para lá de outras curiosidades interessantes. Como exemplos, a *Polca* era uma caricatura musical simpática da figura de Sergei Diaghilev, assim transfigurado em mestre de cerimónias de um espetáculo circense. Por sua vez, a *Valsa* era uma homenagem a Erik Satie, enquanto o *Galope* recordava os ambientes das casas noturnas de São Petersburgo.

Por fim, Stravinsky adaptou-as para orquestra de câmara e garantiu-lhes a projeção que mereciam. A Suíte N.º 2 foi orquestrada já depois do seu regresso à cidade das luzes, no início da década de 1920. Destinava-se a um teatro de Music Hall, como complemento musical dos diferentes números de variedades que subiam ao palco. Neste contexto, o efetivo de músicos era naturalmente reduzido, pelo que foi pensada para uma pequena orquestra. Ia assim ao encontro da ambiência dos loucos anos vinte, irradiando bom humor e irreverência, sem disfarçar uma disposição mundana condizente. Em 1925 orquestrou a Suíte N.º 1, com uma roupagem instrumental igualmente caricatural, desta vez endereçada às «antigas» marchas, valsas, polcas e galopes.



© Marcelo Albuquerque / Metropolitana

JEAN-MARC BURFIN

MAESTRO TITULAR
DA ORQUESTRA
ACADÉMICA METROPOLITANA

Entra em 1983 para o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde obtém, em junho de 1987 e por unanimidade do júri, o 1.º prémio de Direção de Orquestra na classe de Jean-Sébastien Béreau depois de ter feito os seus estudos nos Conservatórios de Nancy, Metz, Strasbourg e Reims.

Durante as masterclasses que frequenta, é encorajado pelos seus mestres Franco Ferrara, Charles Bruck, Pierre Boulez e Vitaly Kataev. Diplomado pela Academia de verão do Mozarteum, em Salzburg, é convidado para dirigir a Orquestra do M.I.T. de Boston em 1984, ao lado de Lorin Maazel.

Na sequência de um seminário internacional em Fontainebleau, é notado por Leonard Bernstein e em julho de 1987 convidado para dirigir a Orquestra de Paris.

Em 1990/1991 recebe uma bolsa

franco-soviética para aperfeiçoamento dos seus conhecimentos do repertório russo com Alexandre Dmitriev, no Conservatório Rimski-Korsakov de São Petersburgo.

No Concurso Internacional de Jovens Diretores de Orquestra de Besançon em 1991 foi finalista laureado, e recebeu um prémio especial da Orquestra da Rádio-Televisão de Moscovo através do seu Diretor Vladimir Fedosseiev.

Jean-Marc Burfin dirigiu várias orquestras, tanto em França como no estrangeiro (Colonne, Lamoureux, Pays de la Loire, Poitou-Charentes, Picardie, Potsdam Philharmonie, Württembergische Philharmonie, Sinfónica de Oviedo, entre outras). Foi Diretor Artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa durante a temporada de 2003/2004.

Gravou um CD na editora Naxos, consagrado à obra de Vincent d'Indy.

Pedagogo reconhecido, é um dos raros maestros em atividade a ensinar direção de orquestra.

Atualmente é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana.

ORQUESTRA ACADÉMICA METROPOLITANA

A OAM estreou-se em 1993, na sequência da criação da Academia Nacional Superior de Orquestra – uma instituição única no país, destinada a formar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra. Desde o seu início, a OAM é orientada por Jean-Marc Burfin, seu maestro titular. Constituída inicialmente por menos de trinta elementos, a OAM é hoje uma formação sinfónica englobando cerca de 70 músicos. Com uma temporada que se estende ao longo de cada ano letivo, a OAM mantém uma atividade regular de ensaios e concertos, apresentando-se não só na Área Metropolitana de Lisboa como também noutras localidades do país.

Com largas centenas de concertos realizados, abarcando um repertório que vai do Barroco à música do século XX, a OAM tem executado obras de

compositores tão representativos como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert, Mendelssohn, Mahler, Ravel, Debussy, Milhaud, Bartók, Hindemith, Stravinsky e Varèse, entre outros.

Para além do seu maestro titular, a OAM é habitualmente dirigida pelos alunos do Curso Superior de Direção de Orquestra. Muitos dos concertos contam com a presença de maestros convidados, tais como Jean-Sébastien Béreau, Pascal Rophé, Robert Delcroix e Brian Schembri. A OAM possibilita ainda aos alunos da Academia a apresentação regular a solo com orquestra. Teve, ainda, o privilégio de tocar com vários solistas de renome como António Rosado, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Liliane Bizineche, Francine Romain, Miguel Borges Coelho, Artur Pizarro, François Leleux e, num concerto humorístico, o quarteto italiano Banda Osíris.

Entre as suas deslocações, a OAM participou no Porto 2001 Capital da Cultura, num encontro internacional de orquestras de jovens onde tocou o *War Requiem* de Britten. Fez várias digressões pelos Açores e esteve no VII Ciclo Internacional de Orquestras Universitárias, em Saragoça, e subiu ao palco do Théâtre de la Monnaie, em Bruxelas.

A Academia Nacional Superior de Orquestra é uma instituição única no país, pela forma como interliga a formação com a prática musical. Especificamente destinada a preparar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra, o ensino aqui ministrado baseia-se num acompanhamento individual especializado, na prática de música de câmara e numa componente teórica complementar, sendo a Orquestra Académica Metropolitana o eixo central da formação destes jovens músicos. Os resultados pedagógicos são bem evidentes pelo número de alunos premiados em concursos de renome, pelas admissões dos estudantes aqui formados nas melhores escolas internacionais e pela alta taxa de empregabilidade destes jovens quando chegam ao mercado de trabalho.

FLAUTAS
MARIANA COELHO
HÉLIO SANTOS
BEATRIZ MARQUES

OBOÉS
PEDRO CAPELÃO
RODRIGO MARQUES

CLARINETES
DUARTE VALE
GUILHERME DUQUE
RUI NUNES

FAGOTES
SARA MAIA
NUNO MOURÃO

TROMPAS
FILipe LOPES
CÉSAR LUÍS
HUGO MORGADO
CAROLINA MORTE
HELENA GABRIELA

TROMPETES
ALEXANDRE ALMEIDA
RAFAEL SIMÕES
ANDRÉ PONTE
TIAGO SOARES
DUARTE ANJO

TROMBONES
FLÁVIO SANTOS
ANTÓNIO FERREIRA
TIAGO CORTES

TUBA
GUILHERME SOARES

TÍMPANOS
TIAGO ROCHA

PERCUSSÕES
ANTÓNIO NOVAIS
DIOGO FIGUEIREDO
PEDRO AFONSO

PIANO
JOÃO BORGES

VIOLINOS
BERNARDO SOUSA
CAROLINA PINTO RIBEIRO
FILIPA OLIVEIRA
FRANCISCA BONACHO
INÊS AVELAR
INÊS MARQUES
INÊS NOGUEIRA
JOÃO PIMENTA MARTINS
JOSÉ RIBEIRO
LIA CARIDE
LUÍS SANTOS
MARGARIDA GRAÇA
SIMÃO MASON

VIOLAS
ANDRÉ TEIXEIRA
LEANDRO NAMORA
LUÍSA SEMEDO
SARA VALENTIM

VIOLONCELOS
ANDRÉ ALVES
ANDRÉ CASAL
BEATRIZ LOUSAN
LÍVIA MENDES
MÓNICA MARTINS
RUI MOTA

CONTRABAIXO
GUILHERME REIS



METROPOLITANA

DIRETOR EXECUTIVO Miguel Honrado
DIRETOR ARTÍSTICO Pedro Amaral
DIRETOR PEDAGÓGICO Yan Mikirtumov

FUNDADORES



Presidência do Conselho de Ministros - Ministro da Cultura
Ministério da Educação
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo / Turismo de Portugal, IP
Secretário de Estado da Juventude e do Desporto



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS EM 2020

Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



PARCEIRO DO PROGRAMA "MÚSICA E CIÊNCIA"



PATROCINADOR PRINCIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



PARCERIAS

Antena 2 | São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa | Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva
Secretaria-Geral da Educação | Fundação Oriente | Academia das Ciências

www.metropolitana.pt facebook.com/metropolitanlx | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela organização. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

PRÓXIMOS CONCERTOS

PARA O FIM DO TEMPO

SÁBADO 28 NOVEMBRO - 11H00

TEATRO THALIA

NUNO SILVA CLARINETE | ANA PEREIRA, JOSÉ PEREIRA VIOLINOS
JOANA CIPRIANO VIOLA | NUNO ABREU VIOLONCELO
ANTÓNIO ROSADO * PIANO

* Artista Associado da Metropolitana na Temporada 2020/2021

Robert Schumann Quinteto com Piano, Op. 44
Olivier Messiaen *Quatuor pour la fin du temps*

BILHETES À VENDA Preço: 15€

Na Ticketline e locais habituais / Reservas / Info: Ligue 1820 (24 horas) / 21 361 73 21
Na Sede da Metropolitana, segunda a sexta-feira - 10h30 > 17h30 / No dia e local do concerto, a partir das 20h00

UM SÉCULO DE FEDERICO FELLINI

Programa evocativo do Centenário de Federico Fellini

DOMINGO 6 DEZEMBRO - 11H00

CINEMA SÃO JORGE

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
BENEDETTO LUPO PIANO
RUI PINHEIRO MAESTRO

Nino Rota Suíte da música do filme *Amarcord*
Nino Rota *Concerto Soirée*, para piano e orquestra
Nino Rota Suíte do bailado *La Strada*

BILHETES À VENDA Preço: 12€

Na Ticketline
Na bilheteira do Cinema São Jorge